

Paulo Bitencourt  
**Liberto  
da Religião**

O Inestimável Prazer de Ser um Livre-Pensador

© Paulo Bitencourt

bitencourt.net

Capa: Galáxia do Cata-Vento (M101 ou NGC 5457), um universo-ilha com um diâmetro aproximado de 170.000 anos-luz (quase o dobro da Via Láctea), a cerca de 25 milhões de anos-luz da Terra e contendo pelo menos um trilhão de estrelas, das quais cem bilhões têm a mesma temperatura e tempo de vida do nosso Sol. Imagem composta de fotos tiradas pelo Telescópio Espacial Hubble, da NASA, Telescópio Canadá-França-Havaí e telescópio do Observatório Nacional de Kitt Peak.

ISBN: 978-1535198844.

Proibida a cópia, reprodução e distribuição desta obra por quaisquer meios ou processos. A violação de direitos autorais constitui crime (Código Penal, art. 184 e Parágrafos e Lei n° 6.895, de 17/12/1980), sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei n° 9.610, de 19/02/1998).

A meu filho Evgeny.

Que você viva num mundo cada vez mais livre de superstições e irracionalidades.



# Índice

Medo	13
Lógica	53
Mito	91
Diversidade	137
Realidade	179
Razão	221



## Prefácio

Como o prefácio é aquela parte do livro que autor nenhum gosta de escrever e leitor algum de ler porque, além de antecipar o conteúdo da obra e estragar a surpresa, mais ou menos como o trailer de um filme, se bem que nem tanto, costuma ser aquela enrolação que muitos leitores veem como encheção de linguiça, mas que todo autor escreve para conferir a seu livro um quê de intelectualidade, pois toda obra literária que se preza tem prefácio, e impressionar seus leitores, dos quais os que por ele pagaram acabam lendo, afinal ele custou dinheiro e dinheiro não dá em árvores, pelo menos nunca vi, mas não me importo com nem uma coisa nem outra, muito embora eu nada tenha contra dinheiro, a não ser quando ele é sujo, ocasião em que calço luvas para manuseá-lo, pois se existe uma coisa que odeio, é ficar doente, já que é mais fácil ganhar na loteria que encontrar um bom médico, a menos que alguém seja milionário, o que obviamente não é o meu caso, do contrário eu estaria agora nas Bahamas torrando meus maços de milhões, em vez de aqui sentado com o pescoço tenso e dor nas costas de tanto escrever, salvo se este livro vender que nem água e se tornar um best-seller e eu então conseguir sair desse mato sem cachorro para, depois de picar a mula, lavar a égua, algo que não acontecerá nem que a vaca tussa, razão por que até já estou tirando o cavalinho da chuva e deixando cada macaco no seu galho, pois quem conhece a Lei de Murphy sabe muito bem do que estou falando, vamos em frente que atrás vem crente.





## Prefácio II

Não, caro leitor, não é erro de impressão. O prefácio que você acabou de ler é propositadamente tresloucado para abrir meu livro com descontração, já que seu assunto é muito, muito sério. Tão sério que, se eu vivesse antes do século XVIII, dependendo da época ele me levaria a ser ou apedrejado ou esquartejado ou afogado ou enforcado ou queimado. Não sem antes ser devidamente torturado, claro. Espere: quase ia esquecendo que, numa república islâmica, mesmo hoje meu livro me faria perder a cabeça. Como, do século XIX para cá, leis seculares obrigam os cristãos a ser tolerantes, no Ocidente o máximo que pode me acontecer é eu ser forçado a ver o Sol nascer quadrado.

Amém ou não amém?

Agora, o prefácio digno de um livro sério:

Imagine, caro leitor, alguém lhe contar uma história fantástica, dizendo que, se nela acreditar, você será criticado por crer no que o mundo considera loucura, mas que isso deve fazer você feliz, pois você estará sendo vítima de perseguição, o que prova que essa história é verdade e que você faz parte de um grupo seletivo de privilegiados. Assim que acredita nessa história e se sente um escolhido, você é advertido de que, exatamente como aqueles que a consideram loucura, sofrerá graves consequências, caso dela duvide.

Uma maneira bem astuciosa de fazer você bloquear todo e qualquer pensamento crítico e rechaçar o que quer que possa induzi-lo a submeter essa história a escrutínio racional, não é mesmo?

Isso, caro leitor, se chama religião. Nos países em que por séculos essa história vem sendo passada de geração a geração como sagrada, ela está tão profundamente enraizada que faz parte de sua tradição e cultura. Deste modo, não é de admirar que, desde

o berço, milhões de pessoas sejam ensinadas a vê-la como verdade universal incontestável, o que causa condicionamento da mente e resulta num automatismo religioso que impede a maioria delas de parar para se perguntar se essa história faz sentido e acreditar nela é sensato e necessário.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que tomam como ofensas as críticas a suas crenças, esses crentes acham natural criticar crenças alheias. Todos os religiosos rejeitam dezenas de milhares de religiões como absurdas, pelo que eles não perdem nem um minuto sequer de sono. A diferença entre crentes e eu, então, é ínfima: rejeito só uma religião a mais que eles.

Se o Cristianismo é a crença que aqui mais dissecó, isso se deve ao simples fato de eu ter sido cristão e ele não só ser a maior religião do mundo como também a mais seguida por brasileiros. Não faz muito sentido escrever livros sobre as irracionalidades, por exemplo, do Islã, num país em que essa religião é praticada por uma minúscula minoria. Na verdade, nem é preciso, pois todas as religiões se resumem nisto: acreditar na existência de coisas de que não se tem evidências. Por sinal, visto serem religiões parentes, uma análise do Cristianismo é quase uma análise do Islã.

Onde não há reflexão há manipulação. É evidente que religiões se utilizam do medo como instrumento de dominação, primeiro para engodar, depois para impedir a reflexão e conseqüente desconversão de seus adeptos. Com efeito, toda ideologia que ameaça de castigo quem a rejeita é perversa e merece ser rejeitada. Quem tem medo do Inferno está no mesmo nível intelectual de quem tem medo do bicho-papão.

Um dos principais objetivos deste livro é mostrar que não há quaisquer motivos para seguir religiões e há razões de sobra para não seguir nenhuma e ser um livre-pensador.

Paulo Bitencourt  
Viena, Áustria

Certa vez, escrevi que há quinze coisas que sei sobre Deus e uma delas é que ele é alérgico a mariscos.

— Carl Reiner



## Medo

Minha mãe me disse, há tempo atrás,  
onde você for, Deus vai atrás.  
Deus vê sempre tudo que 'cê faz.  
Tinha tanto medo de sair da cama à noite pro banheiro,  
medo de saber que não estava ali sozinho,  
porque sempre, sempre, sempre eu estava com Deus.

— Raul Seixas em *Paranoia*

GEORGE CARLIN, UM famoso comediante norte-americano, apresentou, em 1972, um programa intitulado *As Sete Palavras Que Você Nunca Pode Dizer na Televisão*. Como sinto que o caro leitor está morrendo de curiosidade para saber quais são, ei-las: \*#\$%&!, &#\$!%@, #&\$&!%\*, !@&#\$%, %\*@\$&%, #!%&@\$ e \$@&#!%. A piada consistia em Carlin dissecar esses sete palavras de forma tão minuciosa que ao fim perdiam toda obscenidade, transformando-se em palavras comuns.

Na pequena cidade em que nasci, havia dois cinemas: o Marajá e o Plaza. Enquanto o Marajá era especializado em kung fu e banguê-banguê à italiana, o mais sofisticado Plaza projetava, com muitos meses de atraso, os últimos sucessos de Hollywood, porém sem deixar de lado as populares pornochanchadas da década de 1970. Garotos em plena explosão hormonal, como eu, deleitavam-se com a “obscenidade” dos cartazes desses filmes, que naquela época eram considerados pornográficos, mas que menos de uma década mais tarde passaram a ser mostrados na TV e hoje não escandalizam nem vovós centenárias.

Ainda que não de maneira uniforme, ao redor do globo a expansão do conhecimento, avanço da Ciência, aumento geral do nível de instrução e popularização da internet tendem a fazer as pessoas ficarem cada vez menos ingênuas. Muito do que na geração anterior era reprovável, hoje é aceitável ou tolerável. À medi-

da em que diminui a ingenuidade, os tabus perdem a força ou desaparecem.

Desde 1826, ano em que o professor Cayetano Ripoll foi enforcado pelo tribunal católico Junta de Fé, em Valência, na Espanha, ninguém mais no Ocidente precisa temer ser condenado à morte por blasfêmia ou heresia. Mesmo assim, para muita gente divindades e religiões continuam sendo tabus sacrossantos e amedrontadores. Se tomarmos Cristianismo e Islã, temos um total de quase quatro bilhões de pessoas, mais da metade da população mundial, que não ousam duvidar, quem dirá questionar os dogmas das duas maiores religiões, muito embora saibam que eles não se baseiam em evidências. Enquanto em grande parte do mundo islâmico crítica à religião e descrença são passíveis de pena de morte, no mundo cristão pessoas ainda podem ser presas por publicamente se oporem a convicções religiosas. Se o caro leitor é ateu e está planejando passar um tempo na Rússia, quando estiver lá não diga num bate-papo virtual “Deus não existe”, a menos que você esteja com vontade de ver o Sol nascer quadrado.

Não são poucos os crentes que demandam a incriticabilidade do Cristianismo. Apesar de todo esclarecimento e liberdade, no Brasil é comum administradores de canais do Youtube e páginas do Facebook serem ameaçados de morte ou processados por criticar ou parodiar a fé cristã. Mundo afora, quem declarar não acreditar em seres invisíveis será visto como normal. No Ocidente, quem declarar não acreditar nos seres invisíveis das religiões indígenas, africanas e asiáticas será visto como normal. Já nas Américas, quem declarar não acreditar nos seres invisíveis da religião judaico-cristã será visto com desconfiança e poderá sofrer hostilidades.

Um dos principais atributos do deus cristão é ser santo. O que é santo é sagrado; o que é sagrado, inviolável; o que é inviolável, inquestionável; o que é inquestionável, indiscutível. Assim,

não é de admirar que num país em que, segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas 8% das pessoas não têm religião, 86,8% são praticantes do Cristianismo e o fundamentalismo cristão cresce de maneira vertiginosa, criticamente refletir sobre Deus e religião não seja nem comum nem aceitável.

A essência de muitas religiões é a mesma: por mais simples e desconhecidas que sejam, elas pregam a existência de pelo menos um deus que recompensa quem o agrada e castiga quem o desagrada. Uma característica comum a todas é que deuses não estão nem um pouco interessados em pôr fim às dúvidas e acirradas discussões sobre sua existência. Se o deus cristão existe, seria tão fácil para ele acabar com a aflição dos que anseiam por descobrir o sentido da vida, com a angústia daqueles que pensam precisar ter certeza de que a morte não é o fim e com a inimizade entre as diferentes religiões e suas seitas, que ao longo da História matou milhões de pessoas e ainda hoje gera arrogância, intolerância, discórdia e divisão: bastaria ele aparecer à Humanidade. Como deus onisciente e todo-poderoso, ele sabe como poderia fazê-lo de modo inequívoco, dissipando toda e qualquer dúvida. Por que, então, não o faz?

O deus bíblico supostamente inspirou alguns homens da Idade do Ferro a redigir uma cartilha com relatos também da Idade do Bronze, fez alguns deles terem sonhos enigmáticos, revelando-lhes eventos futuros por meio de obscuros simbolismos, e chamou pessoas para fundar igrejas. Desde então, ele fica observando suas criaturas se debaterem com a interpretação de suas inspirações literárias, curioso para ver quem delas as decifram corretamente e quantas as aceitam sem questionar. Dizem por aí que tudo o que é bom precisa ser alcançado através de árduo esforço. Destarte, é como se Deus sentisse prazer em pôr à prova a capacidade do homem de crer, executar e esperar. Só quem passa nesse

teste se qualifica a receber o prêmio: morar numa mansão de ouro por infinitos decilhões de anos.

Maior figura do Cristianismo, o apóstolo Paulo compara a fé em Deus a uma luta, mas principalmente a uma corrida. Para mim, e acho que para muita gente, uma comparação nada motivadora. No ginásio, tivemos um péssimo professor de Educação Física. Em vez de nos ensinar diferentes modalidades esportivas, ele botava a classe para correr debaixo de sol escaldante, razão por que o apelidamos de professor de pista. Nas provas bimestrais, ele nos dava um ponto por cada volta em torno do campo de futebol. Como odiávamos correr, a maioria de nós dava só cinco voltas, o suficiente para passar. Se o Paraíso só é alcançável por meio de corrida e luta, quem não gosta nem de correr nem de lutar está perdido.

Religiosos veem a vida como um teste administrado por Deus. Contudo, a concepção de que ele nos testa é uma incoerência. Primeiro porque não se trata de um teste qualquer, como os escolares, que o aluno, se reprovado, tem a chance de repetir. O teste divino dura uma vida inteira e seu objetivo não é qualificar uma pessoa para a vida profissional, mas determinar onde ela passará a eternidade: se tocando harpa e entoando louvores em altas e brilhantes nuvens ou sendo fritado e urrando de dor nas profundezas tenebrosas do Tártaro. E segundo porque os seres humanos não são iguais numa série de aspectos, como intelecto, condição de saúde, estrato socioeconômico, educação, inclinações e oportunidades. Por isso, dadas as terríveis consequências de uma reprovação, se a vida fosse um teste divino ele não seria justo. Ao mesmo tempo corrida e provação, a vida de alguns tem mais obstáculos e é mais dura que a de outros.

Tampouco é igual em todas as pessoas a predisposição para acreditar na existência de deuses e seguir religiões. Algumas têm grande facilidade para crer, bem como se submeter a autoridades



eclesiásticas. Já as de espírito mais livre, que crentes gostam de classificar de rebeldes, são menos ou nada inclinadas à religiosidade. Semelhantemente, a propensão para fazer o bem e praticar o mal não é igual em todo mundo. Por outro lado, se fôssemos iguais o resultado do teste de todas as pessoas seria igual, tornando-o sem sentido, o que ele, de fato, é, pois Deus, sendo onisciente, conhece o futuro e sabe o resultado do teste antes de aplicá-lo. Isso mesmo. Neste exato momento, Deus já sabe quem passará na prova quem não, quem irá para o Céu quem para o Inferno. Que cristão ousaria afirmar que Deus não sabia o resultado do macabro e sádico teste que fez com Abraão, quando o mandou sacrificar seu filho Isaque?

Piscando como o letreiro de néon de um cassino de Las Vegas, duas palavras saltam aos olhos de quem, livre de viés religioso, reflete sobre a concepção de Deus ensinada por muitas religiões: infantilidade e sadismo. Deus cria os seres humanos diferentes uns dos outros, no entanto ignora suas diferenças e de todos espera submissão incondicional, castigando os que não concordam com o que sobre ele é ensinado. Em que um deus assim difere de ditadores e tiranos?

Ao que tudo indica, Deus parece estar um pouco cansado de sua imagem pública milenar de velho rabugento de barba branca. Por isso, para dar uma melhorada nela, ele contratou a ajuda profissional de relações-públicas especializadas: pastores neopentecostais. A estratégia consiste em fazer os fiéis esquecerem que Yahweh, o deus mal-humorado e implacável, que matava e mandava matar até crianças, e Jesus, o deus que gostava de crianças, são a mesma divindade. O rabugento Yahweh é deus só dos judeus. O deus dos cristãos é outro, completamente diferente: Jesus, a divindade camarada, trazedora de cura e fortuna.

E por falar em implacável, há quem afirme que se tornou ateu após ler a Bíblia com atenção. Numa entrevista coletiva por oca-

sião do lançamento do filme *Êxodo: Deuses e Reis*, de Ridley Scott, assim se referiu o ator Christian Bale a seu personagem Moisés: “Penso que esse homem era esquizofrênico e foi um dos indivíduos mais bárbaros sobre que já li na minha vida”. Deus falava com Moisés diretamente e quase tudo o que a figura mais importante da Bíblia dizia, especialmente as ordens para destruir cidades inteiras, exterminando todos os seus habitantes, o que incluía crianças, começava com um amedrontador “Assim diz o Senhor”.

Demos a alguém que nunca tenha ouvido falar da Bíblia o capítulo 28 de *Deuteronômio* para ler e ele certamente pensará tratar-se do roteiro de um filme de terror. Sob inspiração divina, Moisés enumera as maldições com que Yahweh promete castigar seu povo, caso este ouse “não cumprir todos os seus mandamentos”:

O Senhor te fará pegar a pestilência, até que te consuma da terra [...]. O Senhor te ferirá com a tísica, e com a febre, e com a quentura, e com o ardor, [...] e te perseguirão até que pereças. [...] O Senhor te ferirá com as úlceras do Egito, e com hemorroidas, e com sarna, e com coceira, de que não possas curar-te. O Senhor te ferirá com loucura, e com cegueira, e com pasmo do coração. [...] O Senhor te ferirá com úlceras malignas nos joelhos e nas pernas, de que não possas sarar, desde a planta do teu pé até ao alto da cabeça. [...] E todas estas maldições virão sobre ti, e te perseguirão, e te alcançarão, até que sejas destruído. [...] E comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas. [...] O Senhor se deleitará em destruir-vos e consumir-vos.

A propósito, por que a Bíblia faz tanta questão de frisar a bondade de Deus? Se ela não contivesse passagens do tipo “Louvai ao Senhor, porque ele é bom” (*Salmos* 107:1), será que ao fim

de sua leitura concluiríamos que a divindade bíblica é bondosa? Pelo menos 60 versos da Palavra de Deus se dedicam a convencer o leitor de que o deus que castiga quem não o adora é bom, claro sinal de que isso não fica evidente.

Como haveriam as proibições extra-bíblicas impostas por muitas denominações evangélicas, que podem ir de fumar, tomar bebidas alcoólicas e café, comer carne de porco e frutos do mar, assistir à televisão, frequentar cinema e teatro, ler romances e livros científicos, ouvir música não religiosa, dançar, praticar esportes, usar calças compridas, cabelo curto, joias e maquiagem a pintar as unhas, de não serem reflexos da severidade do deus da Bíblia?

Se há algo que realmente incomoda a deidade bíblica, é o prazer sexual de suas criaturas. Enquanto masturbação, que o cineasta Woody Allen chama de sexo com a pessoa que ele mais ama, e sexo extraconjugal são pecado, homossexualidade é muito mais que isso: uma aberração. Oficialmente, o Catolicismo vê sexo como um ato reservado unicamente à procriação. Do outro lado da moeda, seria coincidência que o maior país protestante, os Estados Unidos, é também o que tem as leis sexuais mais bizarras? Acredite quem puder, em vários estados americanos todas as posições sexuais estão proibidas, com exceção daquela em que o homem está deitado sobre a mulher, conhecida justamente como a posição do missionário. No estado do Alabama, ninguém precisa de permissão para comprar uma arma nem é obrigado a registrá-la. Como nos filmes de faroeste, ele pode carregá-la para quase todos os lugares. Porém, comercializar e presentear brinquedos eróticos, como vibradores, acarretam multa de US\$ 10.000 e um ano de detenção. Reincidências podem resultar em até dez anos vendo o Sol nascer quadrado. Será que é porque vibradores são letais, ao passo que armas de fogo são inofensivas?

O furor do deus do *Antigo Testamento* é constrangedor para

muitos cristãos, no entanto eles não têm como dele se desvencilhar, pois, além de Jesus não ter desaprovado nem revogado uma letra sequer do que está escrito na Bíblia Judaica, Yahweh e seu filho são a mesmíssima divindade. Disso resulta que, por mais que seus seguidores se contorçam para vê-lo como tal, não há como Jesus ser diferente de Yahweh, quer dizer, sua versão boazinha. Quem acha que o deus do *Novo Testamento* é só paz e amor precisa ler, por exemplo, *João 3:36*: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece”.

O caro leitor certamente já ouviu falar de um lago de fogo e enxofre em que pessoas são torturadas por infinitos decilhões de anos, não? Por incrível que pareça, esse lugar de indizível terror é uma doutrina muitíssimo mais do *Novo* que do *Antigo Testamento*. Destruição, perdição e Inferno estavam entre os temas preferidos de Jesus, que a eles se referiu mais de 40 vezes, como nesta ocasião: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que [...] chamar a seu irmão [...] de louco será réu do fogo do inferno” (*Mateus 5:21-22*). Como um pastor neopentecostal, Jesus não conseguia ficar muito tempo sem citar Diabo, demônios e castigo divino. Foi ele, inclusive, quem pronunciou a sentença que mais dá arrepios em cristãos: “Se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado” (*Mateus 12:32*).

Poderia haver algo mais angustiante para um crente do que estar arrependido e não ser perdoado por Deus? Se falar contra o Espírito Santo é o único pecado imperdoável, essa não é uma informação trivial, mas crucial. Mesmo assim, o Nazareno não se deu ao trabalho de transmiti-la de maneira clara, razão por que entre cristãos não há consenso sobre o que “falar contra o Espírito Santo” significa. Isso faz muitos crentes entrarem em pânico. Em artigos on-line sobre o assunto, fiéis aterrorizados deixam comen-

tários desesperados, implorando para que alguém lhes garanta que não cometeram o mais grave de todos os pecados.

Todas as igrejas pregam que o ser humano está perdido, mas que para ser salvo basta acreditar em Jesus. Curiosamente, nunca ouvi falar de um presidente de uma denominação cristã que tivesse aberto uma conferência com as seguintes palavras: “Irmãs e irmãos, Jesus afirmou: ‘Aquele que crê em mim tem a vida eterna’. Refletindo profundamente sobre isso, para mim ficou claro como o Sol que a igreja é uma instituição supérflua, pois, como diz a Bíblia, crer em Cristo é suficiente. Assim, apresento aqui minha carta de demissão e proponho a dissolução de nossas organizações. Ah, e àqueles que ficarem tristes por não saber o que fazer com o dinheiro do dízimo recomendo que, a partir de agora, o doem a instituições de caridade”.

Por que jamais ouviremos uma fala como essa? Porque, além de igrejas serem fantásticos negócios, o que poderia ser mais fascinante que ser o representante da autoridade de ninguém menos que o próprio Criador do Universo? Em *Hebreus* 13:17, Deus ordena: “Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles”. Ora, se a igreja representa Deus na Terra e o Espírito Santo se utiliza de “homens de Deus” para instruir as pessoas, a voz da igreja é a voz do próprio Deus. Consequentemente, divergir das diretrizes da igreja é opor-se à autoridade divina e fechar os ouvidos à voz do Espírito Santo, um pecado para o qual, como disse Jesus, não há perdão.

Que instrumento de manipulação poderia ser melhor que esse? Não é necessário ser muito esperto para perceber que existe uma relação entre Deus, religião, igreja, autoridade, medo e submissão. A essa relação junte-se comércio e fica ainda mais fácil entender por que liderar uma igreja é tão tentador.

Dizem por aí que se torcermos um jornal de notícias policiais sai sangue. Com a Bíblia não seria diferente. Ela é simplesmente

repleta de violência, quase sempre extrema. Nisso não haveria problema, caso a Bíblia fosse considerada por todos aquilo que realmente é: uma obra histórico-mitológica. No entanto, para 2,2 bilhões de pessoas ela é o livro por meio de que o Criador do Universo ensina suas criaturas a ser pessoas compassivas, perdoadoras e morais. A verdade é que a Bíblia só chegaria perto de ser um livro moral se dela recortássemos todos os relatos em que o próprio deus bíblico não dá bom exemplo, como o do apedrejamento de um homem por juntar lenha no sábado e o despedaçamento de 42 meninos por zombar da careca de um profeta.

Quando alguns israelitas se voltavam para outros deuses, o que acontecia com frequência, a divindade inventora do livre-arbítrio encarregava alguém de passá-los “ao fio da espada”. Se o número de infiéis era expressivo, Yahweh enviava secas que duravam anos e faziam todo o povo passar fome, o que inclui grávidas, crianças, idosos e enfermos. Apesar do esforço de alguns redatores do Livro dos Livros para convencer seus leitores de que seu deus é bom e exemplo moral, muitos de seus relatos claramente mostram que Yahweh não sentia qualquer constrangimento em matar inocentes ou fazê-los sofrer.

Por sinal, às vezes Deus derramava sua ira inteiramente sobre inculpados. Após engravidar a mulher de um de seus soldados, Davi deu instruções para que o cornudo fosse posicionado no segmento mais perigoso da frente de batalha, onde bater as botas era praticamente inevitável. Em vez de castigar o rei tanto por adultério quanto assassinato, Deus feriu o bebê que nasceu dessa união ilícita, fazendo-o sofrer de uma doença letal e matando-o após sete dias de agonia. Em outra ocasião, Davi ordenou que um censo fosse realizado, o que desagradou o deus bíblico, que mais uma vez não puniu o culpado. Em vez disso, Yahweh mandou uma peste que matou 70.000 homens que nada tinham a ver com o peixe.

Que função teriam as muitas narrativas bíblicas das mais que excessivas punições divinas senão a de inculcar medo? Com medo de se perder, um fiel da Igreja Ortodoxa na América escreveu ao pároco, dizendo estar confuso sobre o que seriam “pecados mortais” e deles pedindo uma lista. Ela o ajudaria a não cometê-los. Em sua resposta, publicada no site da igreja, o clérigo esclarece que Deus não faz qualquer distinção entre pecados. Todos são mortais. Segundo o padre, *hamartía*, a palavra grega para pecado, significa “errar o alvo”, que consiste em viver como Cristo viveu, quer dizer, sem pecado. Cada vez que não acertamos o alvo, pecamos, não importando se o erramos por um centímetro ou um metro. Citando um exemplo, ele diz que não ir à missa é um pecado tão mortal quanto assassinar alguém.

Diante de tantos exemplos, tanto no *Velho* quanto no *Novo Testamento*, de como Deus faz questão de ser temido, é impossível seu relacionamento com seus seguidores não ser permeado por medo, sobretudo quando um dos principais dogmas do Cristianismo é o tormento eterno. Como diz o famoso hino *Onward, Christian Soldiers! (Avante, Soldados Cristãos!)*, do reverendo anglicano Sabine Baring-Gould, cristãos se encontram em guerra contra as forças do mal, razão por que precisam incessantemente vigiar e orar para não caírem em tentação, pois “a carne é fraca” e “larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição”. O medo de se perder é, portanto, uma característica marcante da religião cristã. Sem embargo, poderia ser psicologicamente saudável viver com um constante receio de desagradar o *Big Father*, que dia e noite vigia seus filhos, anotando num gigantesco livro não só todas as suas ações mas até todos os seus pensamentos?

Não obstante a implacável ira de Yahweh e a ênfase de Jesus em Juízo Final e Inferno, cristãos não consideram o Cristianismo uma religião do medo. Por ser sua religião, cristãos obviamente veem o Cristianismo através das lentes da idealização, da mesma

O resto do livro *Liberto da Religião* está aqui:  
**[bitencourt.net](http://bitencourt.net)**